

A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA CONTADORA DE HISTÓRIAS: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DE UM PERCURSO DE PESQUISA

Selma Soczecki Leal¹
Adriana Vaz²

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas de Ensino na Educação Básica

RESUMO - A pesquisa tem como objetivo compreender a partir dos pressupostos da performance como os recursos internos de uma professora de Língua Portuguesa são aflorados de maneira a viver e despertar uma experiência sensível tornando-se uma professora contadora de histórias formadora de estudantes contadores de histórias. Para tanto adota-se como principais aportes teóricos os pressupostos de performance de Paul Zumthor (1993 e 1997), os estudos sobre oralidade de Walter Ong (1998), as considerações sobre a tradição oral africana de Amadou Hampâté Bâ (2010) e ainda os pensamentos de Walter Benjamin (1994) sobre o desaparecimento da arte de contar histórias e de Regina Machado (2015) no que tange a arte de narrar contos de tradição oral. A pesquisa tem caráter qualitativo de cunho autobiográfico, em acordo com a pesquisa (auto)biográfica como alude António Nóvoa e Mathias Finger (2014), subsidiando a intenção de revisitar o percurso de vida pesquisadora e percorrer a trajetória que a conduziu ser uma professora contadora de história formadora de estudantes contadores de história que ministrou o curso semestral “Arte de Contar História”, aplicado para estudantes entre 06 a 12 anos no contra turno escolar, em um Centro Municipal de Educação Cultural, curso esse promovido pela prefeitura do Município de Araucária/PR.

Palavras-chave: educação básica. narração de história. performance

1 INTRODUÇÃO

A narração de histórias impulsiona os fluxos sanguíneos movimentando a energia que alimenta a essência humana transpondo os limites de tempo e espaço, num eco que recruta a boca à ouvido sem jamais perder a vitalidade que

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino. ssselma@hotmail.com

² Pós-doutorado em História da Educação e Doutora em Sociologia. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação, ambos na Universidade Federal do Paraná. vazufpr@gmail.com

se instaura na performance. A pesquisa que se segue é de cunho qualitativo, baseada no método (auto)biográfico organizado por António Nóvoa e Mathias Finger (2014). O objetivo da investigação é compreender a partir dos pressupostos da performance como os recursos internos de uma professora de Língua Portuguesa são aflorados de maneira a viver e despertar uma experiência sensível tornando-se uma professora contadora de histórias formadora de estudantes contadores de histórias. Para tanto se levanta o seguinte questionamento: a dinâmica de revisitar a história de vida, na qual perpassam fases como a formação acadêmica e o percurso profissional leva a professora de Língua Portuguesa a compreender melhor os processos que a tornaram uma contadora de histórias mais voltada aos contos de tradição oral? Como esse percurso se reflete na formação de estudantes contadores de histórias?

Em busca dessa resposta, pretende-se relatar por meio da memória da pesquisadora as vivências e experiências que a levaram a se tornar uma professora contadora de histórias formadora de estudantes contadores de história que ministrou o curso semestral “Arte de contar histórias”, aplicado para estudantes entre 06 a 12 anos que frequentavam um Centro Municipal de Educação Cultural, curso esse promovido pela prefeitura do Município de Araucária/PR.

No percurso desse relato serão adotados os pressupostos teóricos de Walter Benjamin (1994) que traz reflexões sobre o progressivo desaparecimento dos narradores e as possíveis causas do fim da arte de contar histórias. Também serão elencados os pensamentos de Paul Zumthor (1993 e 1997) no que se refere aos efeitos instaurados nas narrativas orais artisticamente lapidadas a partir da performance, e as contribuições de Walter Ong (1998) no que se refere aos processos orais das narrativas artisticamente produzidas. E esses autores irão dialogar com Amadou Hampâté Bâ (2010) que remonta a tradição oral africana e Regina Machado (2015) que fala sobre a arte da palavra e da escuta a partir das narrativas de tradição oral.

O estudo se justifica no empenho do professor ter a oportunidade de ser um investigador das suas práticas, ou seja, que elas se tornem objeto de seus estudos, exercício salutar e revigorante, uma vez que o profissional pode tomar um distanciamento das suas práticas para observar e refletir se e como elas estão atingindo seus objetivos. Acredita-se ainda que a pesquisa contribuirá com

a prática profissional de outros docentes, e que vai reverberar no ensino-aprendizado dos estudantes no que tange as experiências com a narração de histórias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Povoada de magia e encantamento a imaginação daquele que percebe o mundo foi tecendo e construindo explicações para tudo o que ia vivenciando por meio dos seus sentidos. A cada amanhecer, novas descobertas, novos desafios, novas possibilidades de experiências, novos contatos com o meio, consigo mesmo e com a natureza que habita o outro, que a princípio parece tão semelhante, mas ao mesmo tempo revela-se muito distinta nos modos de apreensão, assim as histórias contadas ou cantadas foram surgindo em um meio que foi por um longo período essencialmente oral.

Época em que corpo era tecnologia que foi construindo, lapidando, propagando e ao mesmo tempo registrando em si sua evolução, tal qual uma biblioteca onde habitavam todas essas vozes que se comunicavam de boca ao ouvido, vozes milenares de diversos povos que ajudaram a preservar uma consciência coletiva refletida culturalmente nos costumes, crenças e tradições.

Inseridos no percurso humano, estamos nós da sociedade das letras, distantes desse tempo essencialmente oral, e é desse lugar que a pesquisadora pretende contar-se no mundo e para o mundo, fazendo tal qual a voz primordial que fez e ainda faz a experiência do outro circular nas entranhas daquele que ouve ou lê, deixando marcas vividas que fazem evoluir e perpetuar a existência de ambos, contribuindo quem sabe com aqueles que se envolvem com o processo dinâmico de aprender e ensinar.

Para tanto vai percorrer sua história de vida construída por ela e por outros, de personagens que a antecederam, procurando ao mesmo tempo colocar-se nelas para que se possa perceber o elo que as une. Lembrando que está inserida no processo humano enquanto um ser narrativo e desde as primeiras palavras foi construindo nas relações sociais a sua história enquanto ser que faz a história.

A pesquisa se desenvolverá a partir do método (auto)biográfico que avaliza a recuperação das histórias de vida por meio do resgate da memória que

permite analisar “um conjunto alargado de elementos formadores, normalmente negligenciados pelas abordagens clássicas, e sobretudo, possibilita que cada indivíduo compreenda a forma como se apropriou desses elementos formadores” (FINGER e NÓVOA, 2014, p.22).

Esse método tem um histórico no campo das ciências sociais e é largamente usado na área da educação, sendo ao mesmo tempo um método de investigação que, por já ter uma história com uma fundamentação teórica e técnica, passou por consonâncias, discordâncias e implicações teórico-metodológicas sobre seu uso, e ao mesmo tempo válida a formação docente. Visto vez que o pesquisador olha atentamente para seu percurso enquanto ser individual que constrói e está sendo construído, e passa a refletir sobre seus papéis. Entende-se que para esse estudo o método (auto)biográfico ofereça bons instrumentos de investigação, uma vez que essa metodologia promove uma conexão com o passado, ligando-o ao presente dos envolvidos, fazendo um recorte da história de alguém ao focalizar a temática estudada e a tradição oral.

A partir desse método pretende-se mostrar como a pesquisadora foi inserida nas narrativas orais e escritas durante a sua infância e como o período de formação acadêmica contribuiu para o distanciamento das mesmas, num exercício que revela que a construção do conhecimento se dá ao longo da vida e não está centrada apenas nos espaços considerados acadêmicos.

Nesse percurso Walter Benjamin (2014) apresenta ao longo de seus estudos as possíveis causas que levaram o homem a se desconectar da sua essência narrativa se pautando nos processos que engendraram a vida moderna, que impôs a necessidade da força de trabalho, sendo que nessa trajetória a industrialização separou o homem do seu próprio labor e diminuiu o tempo de escuta, onde a mão e a voz passaram por um distanciamento.

Segundo o autor, a voz do corpo ancião, que possuía em sua bagagem muita experiência, passou a ser inútil; sendo que essa nova maneira de viver também causou um grande distanciamento entre narrador e ouvinte, sendo que esse fato foi mais intenso entre as distintas gerações.

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?” (BENJAMIN, 1994, p. 114).

O isolamento contribuiu para uma pobreza de experiências coletiva, experiências essas que frutificavam e fortaleciam o grupo e a comunidade, e o que ficou foram em sua grande maioria as vivências, aquelas que precisam ser explicadas e interpretadas, que se adquirem, segundo Benjamin (1994), por meio da leitura solitária de um romance ou da informação fugaz do jornal.

Assim como Benjamin (1994), Zumthor (1997) também vê esse movimento irreversível que mudou as relações sociais e a experiência coletiva a partir do processo de esmaecimento da voz. Porém, para ele, essa trajetória não teve a capacidade de aniquilar totalmente a voz, e diferente de Benjamin (1994), procura trazer subsídios para mostrar que a voz ainda permanece na escrita “o que lemos situa-se, assim, no final de uma genealogia das palavras, assumindo, sob formas hierarquicamente encaixadas, os avatares de uma original voz viva.” (ZUMTHOR, 1993, p. 276).

Em meio a esses processos do desaparecimento das narrativas orais Walter Ong (1998) também traz significativas contribuições para a pesquisa ao rever os conceitos ligados ao campo da Literatura que passaram a abarcar essas narrativas, que foram sendo registradas pela letra, mostrando que a oralidade artística sofreu preconceitos por ser analisada com os mesmos instrumentos da escrita. Porém Zumthor (1997) nos alerta que é inútil tecer julgamentos negativos sobre a oralidade “realçando-lhe os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna. (ZUMTHOR, 1997, p. 27).

Esse processo, altamente ligado às novas formas de se produzir e transmitir conhecimento passou a transformar a voz em letras com o intuito analisar, explicar ou classificar, excluindo desse processo o que não se deixava aprisionar, ou seja, o que havia de mais essencial que se estabelecia em performance. Ong (1998) mostra também que a oralidade tem seus modos de estruturação e retoma os estudos do pensamento formular que perpassou o tempo e hoje se encontra guardado nos contos de tradição oral, ou ainda serve de recursos para as histórias autorais; mas, segundo Zumthor (1993) essa estruturação do pensamento formular deve ser apreciada nos modos em que ela instaura o efeito.

De posse dessa visão de como foram sendo tratadas as narrativas artisticamente lapidadas e do percurso humano que distanciou o homem de si mesmo, retirando-lhe o que havia de mais sagrado na palavra que a voz proferia, fazendo esmaecer os elementos que instauravam o pensamento coletivo onde se tinha um íntimo diálogo com a natureza e com o outro, num constante ciclo no qual a religação com passado ancestral era vital, pretende-se retomar a partir das práticas da pesquisadora os pressupostos de Bâ (2010) acreditando-se que eles validam a ideia de que a narração de histórias se dá a partir do estabelecimento de um ritual. Isto é, ritual onde as trocas conduzem os corpos que estão enredados no rito de forma universal, e nesse sentido caberia àquele que tem o poder mágico da fala a regulamentação no equilíbrio das forças do universo, como diz o provérbio malinês “O que coloca uma coisa nas devidas condições (ou seja, a arranja, a dispõe favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala.” (BÂ, 2010, p. 173).

Esse autor apresenta todo o percurso dos griôs africanos, e como eles conservaram a memória a partir da oralidade que era praticada por aquele que estava imerso em um contexto fundamentado na coletividade, em que os valores e princípios eram construídos a partir da relação entre o homem e a natureza. Pensamentos que vão dialogar intimamente com os de Machado (2015) no que se refere aos contos de tradição oral e também com os pressupostos da performance de Zumthor (1997), que nos diz que as experiências com as narrativas orais artísticas não se dão apenas pelo que se chama de oralidade, mas sim pela vocalidade, um conceito que está intimamente ligado as percepções sensoriais, no qual a voz quando pronunciada envolve os corpos.

A palavra pronunciada não existe (como o faz a palavra escrita) num contexto puramente verbal; ela participa necessariamente de um processo mais amplo, operando sobre uma situação existencial que altera de algum modo e cuja totalidade engaja os corpos participantes. (ZUMTHOR 1993, p. 244).

Esse autor releva que a performance é marcada pelo tempo e pelo espaço e é instaurada a partir do momento em que as palavras ganham substância quando brotam de um lugar essencial do ser, a voz não fala, ela não diz, ela canta, transmite a energia vital, e emerge daí o encontro das sensibilidades presentes, da boca que profere e o ouvido que recebe todo o peso

das palavras. Palavras que ressoam e fazem vibrar os corpos, pela gestualidade, pelo compasso da respiração ritmo, quando narrador e ouvinte fazem o pacto de estar no contexto de um tempo real e simultaneamente viver no corpo aventuras de um mundo virtual.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para chegar ao objetivo de compreender a partir dos pressupostos da performance como os recursos internos de uma professora de Língua Portuguesa são aflorados de maneira a viver e despertar uma experiência sensível tornando-se uma professora contadora de histórias formadora de estudantes contadores de histórias pretende-se adotar a pesquisa (auto) biográfica organizada por António Nóvoa e Mathias Finger (2014) afim de relatar por meio da memória as vivências que levaram a professora pesquisadora a se tornar um professora contadora de histórias formadora de estudantes contadores de história, que ministra o do curso “Arte de Contar Histórias” aplicado para estudantes entre 06 a 12 anos, desenvolvido no contra turno escolar e promovido pela prefeitura do Município de Araucária/PR.

Primeiramente se fará uma revisão sistemática de literatura para analisar os encaminhamentos sobre a narração de história na educação básica. Também será realizada uma investigação teórica que será confrontada com as práticas já desenvolvidas pela pesquisadora enquanto professora contadora de histórias com o intuito de revelar quais os recursos externos à narrativa contribuíram para o ritual de narrar uma história, e como a estrutura dos contos tradicionais colaboram para a memória da professora contadora de história e ainda, como junção de todos eles elementos levaram à instauração do efeito sensível em si e no outro. E por fim, seguindo essa relação entre a teoria e as práticas já empregadas pretende-se verificar como a relação entre a voz, o corpo, o tempo, e o espaço, fatores que permeiam os processos sensoriais foram colocados em ação no momento da performance.

Para a coleta de dados será considerada a memória da pesquisadora, seus planejamentos e anotações registradas tanto em arquivos virtuais como em cadernos que abarcam os anos de 2017 e 2019 – fotos, relatos gravados em

áudios, imagens gravadas em vídeos – tudo com o intuito de reviver o processo e observar a efetividade desses.

4 CONSIDERAÇÕES

A investigação inicial proposta para esse mestrado que teve início em 2019 sofreu modificações, tanto no que se refere ao objeto de pesquisa como no seu objetivo geral e específico em decorrência da pandemia do Covid-19. Por isso a pesquisa encontra-se em andamento, as fases de fundamentação teórica e revisão sistemática já estão desenvolvidas, porém ainda está se fazendo um levantamento dos dados sobre a prática docente para que sejam confrontados com os pressupostos elencados, logo há um caminho para ser trilhado e com isso não é possível apresentar resultado finais.

REFERÊNCIAS

BÂ, A. H. A tradição Viva. In KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África**. V. 1. São Paulo: Ática/Unesco, 1980.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução de: ROUANET, P. S. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, R. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Ed. Reviravolta, 2015.

ONG, W. **Oralidade e Cultura Escrita: a Tecnologia da Palavra**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. São Paulo: Papyrus, 1998.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. Tradução de: PINHEIRO, A.; FERREIRA, J. P. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Título original: La letre et la voix: De la “littérature” médiévale.

ZUMTHOR, P. **Introdução a poesia oral**. Tradução de: FERREIRA, J. P.; POCHAT, M. L. D.; ALMEIDA, M. I. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. Título original: Introduction à la poésie orale.